

REFLEXÕES DIALÓGICAS PARA O TRABALHO EM HISTÓRIA, FILOSOFIA E  
SOCIOLOGIA DA(S) CIÊNCIA(S)  
DIALOGIC CONTRIBUTIONS TO THE HISTORY, PHILOSOPHY AND  
SOCIOLOGY OF SCIENCES

**Carlos Eduardo da Silva Ferreira**

Doutorando em Multiunidades em Ensino de  
Ciências e Matemática  
karloseduardo@yahoo.com.br

**Resumo:** A relevância da História, Filosofia e Sociologia (HFS) das ciências na Educação em Ciências da natureza (tanto para a pesquisa em ensino de ciências quanto para questões sobre prática docente), sob diversos aspectos, tem sido trabalhada com bastante frequência nos campos especializados academicamente. A necessidade da presença de elementos históricos, filosóficos e sociológicos nos dizeres sobre o *fazer ciência* no Ensino Médio chega a ser praticamente consensual, o que passou a orientar currículos de parcela significativa das licenciaturas. Por trás deste ângulo comum, há jogos de valores em embate nas mais variadas esferas comunicacionais, ou seja, há imagens conflitantes de representações sobre o campo do *fazer ciência*. Este texto vem trabalhar, em sua exposição, reflexões teórico-metodológicas posicionadas no campo dos estudos discursivos de viés bakhtiniano, a fim de provocar e corroborar a ideia da importância da sensibilização discursiva diante do trabalho científico na área das Ciências da natureza.

**Palavras-chave:** Análise do discurso, Bakhtin, História/Filosofia/Sociologia (HFS) das ciências, metodologia, linguagem.

**Abstract:** The relevance of History, Philosophy and Sociology (HPS) of sciences for Nature Sciences Education (to sciences teaching research as well as to issues regarding educational practice), under distinct aspects, has been frequently addressed on specialized academic fields. It is practically consensual that historical, philosophical and sociological elements must be present in assertions about “doing science” in High School; this notion began to guide a significant portion of education major courses curricula. Behind this common angle, there are debating values games in various communicational spheres, i.e. there are conflicting images on representations

about the field of doing science. This text exposes theoretic-methodological reflections positioned on the discursive studies field with a Bakhtinian view, in order to provoke and corroborate the idea of the discursive awareness importance towards the scientific work in the Nature Sciences field.

**Keywords:** Dialogic Discourse Analysis, Bakhtin, History/Philosophy/Sociology of Sciences (HPSS), methodology, language.

Óptica bakhtiniana em percursos  
investigativos: procedimentos dialógicos

1. A Filosofia, como campo de estudos sistemáticos, possui como centralidade uma movimentação do pensamento, ou seja, esquematiza jogos sobre o “pensar do pensar”. A atitude filosófica diz respeito ao questionamento investigativo da existência dos seres humanos em suas culturas. É neste diálogo constante de explicitações de nossos desdobramentos que o ato de existir vai ganhando espaço. Quero assim, no decorrer deste texto, trazer para esta cena que se monta elementos que nos façam compreender, sob uma determinada óptica, que as palavras empregadas num momento, ou então o conjunto que forma um enunciado (o dito verbalmente, os gestos, os desenhos etc: uma combinatória expositiva que se expressa), possuem extrapolações significativas entre o dito/feito e o significado dos atos. Isto nos toca sobre a ideia de atribuições de valores mobilizados

para produções de sentidos: relações entre sujeitos, ideologias, diálogo, resignificação. Proponho que a leitura deste artigo tenha como problema interno a seguinte questão: “Por que um professor de Ciências necessita, também, de formação histórica, filosófica e sociológica?”.

2. Bakhtin ao lado de um conjunto de pensadores, artistas e teóricos estabelece um grupo intelectual de pesquisas nas Ciências Humanas. Os escritos dele em conjunção a este grupo – o nomeado *Círculo de Bakhtin*<sup>1</sup> – abordam uma variedade de assuntos, dando base a trabalhos de estudiosos posteriores num grande número de diferentes tradições (o Marxismo, a Semiótica, vertentes na Análise do Discurso, Estruturalismo, a Crítica Religiosa) e em disciplinas tão diversas como a Crítica Literária, História, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Música e Psicologia. Embora Bakhtin fosse atuante nos debates sobre estética e literatura, que ganharam lugar na União Soviética na década de 1920, sua posição de destaque não se tornou bem conhecida até sua “redescoberta” por estudiosos russos na década de 1960.

3. O grupo trabalha/desenvolve conceitos que estruturam áreas hoje como Estudos Literários, Linguística, Educação e diversos cursos das Ciências Humanas, conceitos tais como, por exemplo, dialogismo, alteridade, gêneros do discurso, esferas de comunicação, vozes sociais, polifonia, cronotopo, carnavalização, exotopia, acabamento, memória do futuro.

Bakhtin foi um dos mais destacados pensadores de uma rede de estudiosos preocupados com as formas de estudar

<sup>1</sup> O chamado *Círculo de Bakhtin* assim foi chamado posteriormente, e não na época em que estavam sendo desenvolvidas as atividades e reuniões dos intelectuais.

linguagem, literatura e arte, rede esta que incluía, por exemplo, o linguista Valentin Volochinov (1895-1936) e o teórico literário Pavel Medvedev (1891-1938). Importante ressaltar que este conjunto de autores configurava um grupo de estudos e debates com contribuições e desenvolvimentos teórico-analíticos de todos. Bakhtin é destacado por sua produção: foram atribuídos(as) a ele escritos/obras que ainda estão sendo traduzidos(as) do russo, além de ser o integrante que (sobre) viveu por mais dias que os outros.

Para este artigo, gostaria de sobre-elevar algumas mobilizações da óptica dos estudos discursivos de viés bakhtiniano. Apesar do campo da Análise do Discurso possuir linhas de análises de discursos (bakhtiniana, foucaultiana, pecheutiana, maingueneuniana, crítica...) podemos considerar que ambas os delineares que elas traçam tomam que o fenômeno da linguagem humana, essa pluralidade de expressividades, não é transparente, ou seja, há um processo dialógico (e não diretivo) de produções de sentidos onde se procura detectar, num momento expressivo (o acontecimento enunciativo), como alguém significa ou algo é significado, trazendo-se sempre o pressuposto de redes de relações. Atualmente os estudos de base bakhtiniana têm abordado inúmeros objetos e formas para análises, haja vista amplitudes que a teoria vem sendo compreendida. Este é um ponto interessante, pois nos coloca como há um espaço marcante para a participação de sujeitos na integração e interpretação do viés da teoria, isto é, a teoria é fundada no constante diálogo (re)interpretante que vamos fazendo em nossos caminhos.

Nas reflexões dos textos dos integrantes do chamado Círculo de Bakhtin, a questão das relações dialógicas entre enunciados e discursos se dão por meio das reflexões sobre linguagem e seu funcionamento voltado a inúmeras facetas de embates. De importante e produtiva reflexão, os pensadores do Círculo integram a seus discursos o debate sobre a natureza resignificativa da linguagem. É o que temos em Bakhtin e Volochinov (1992 [1929]) em *Marxismo e Filosofia da linguagem* – foco aqui para o capítulo 7 desta obra – sobre o *tema e significação*, trabalhando relações entre o *dado* e o *criado*. Estando num jogo de relações, essas duas configurações categóricas nos colocam a compreender que no enunciado há sempre algo criado a partir de um dado (ideia de responsividade<sup>2</sup> atrelada a uma arquetônica<sup>3</sup> do dizer).

A produção de um enunciado (um acontecimento, uma materialidade expressa) não pode ser estudada ou mesmo interpretada fora de seu contexto sócio-histórico, isto porque estão agregados valores sob formas historicamente em diálogo (correlação conflituosa ou harmoniosa) de diferentes grupos. Neste sentido, estudar as relações entre eu e outro é promover redes de interpretações enunciativas sob enunciados em relações dialógicas. O analista contribuirá com seu excedente de visão<sup>4</sup> frente os cotejamentos interpretativos que desejar colocar em cena.

<sup>2</sup> O responder a alguém ou a alguma coisa. Todo texto responde/retoma outro texto.

<sup>3</sup> Uma organização do dizer que possibilita ver o mundo e a linguagem como acontecimento, como uma atividade, e o ato humano com a linguagem um evento singular, único e irrepetível num dado espaço e tempo.

<sup>4</sup> Segundo Bakhtin (2000), apenas o *outro* possui visão completa do *eu*, tanto quanto apenas o *eu* consegue dar acabamento ao *outro*, compreensões sobre o outro por conta da posição exterior a um *eu* que ocupa. Cada um tem do outro um excedente de visão e não possui de si mesmo.

Por meio do *já-dito* mobilizam-se possibilidades presentes do dizer, projetando um futuro. Neste sentido, como há uma valoração de discussão prévia, configura-se o que Bakhtin e Volochinov (1992 [1929]) chamam de significação, uma instância em estado de dicionário, uma ligação ainda descontextualizada para certo acontecimento/evento enunciativo. É no acontecimento discursivo – e somente nele – que a estabilização provisória pode ser feita. É nesta integração orgânica de um conjunto de possibilidades que o enunciado é colocado. Por exemplo, ao tomarmos o léxico ciência teremos inúmeras situações enunciativas nas quais ele pode ser investido. É numa espécie de debate semântico-pragmático das situações discursivas que se operam as possibilidades do dizer, tanto num sentido de enunciação ou co-enunciação<sup>5</sup>. Ciência em si pode nos ajudar a termos uma lista de usos situacionais, vinda pelas experiências que deslizam entre a forma lexical e o empírico (recheio provindo de experiências discursivas), porém é na situação dita concreta que há a realização do conjunto de possibilidade de usos deste léxico. Todo acontecimento discursivo instaura, então, um trabalho com o dado (*significação*), atualizando-o

<sup>5</sup> Entendamos aqui que *co-enunciador* equivale à instância discursiva do destinatário, porém num entendimento de que tanto esse “destinatário” quanto um “emissor” possuem uma produção compreensiva na conjuntura de um com o outro, ou seja, um enunciador e um destinatário produzem significações possíveis em suas correlações nas cenas enunciativas entre eles. Desta forma o enunciador não é um agente “ativo” e o destinatário um agente “passivo”, mas sim ambos operam numa atividade de (res)significações. Nos textos do Círculo não é comum termos o termo *co-enunciador*, mas sim *destinatário* haja vista traduções para o português advindas de influências da Teoria da Comunicação desenvolvida em Jakobson (esta sim com visão separatista entre um “emissor” e um “receptor”). Entender as cenas da interação de um modo ou de outro altera como estamos pensando as relações entre os sujeitos; e destaco, por exemplo, o viés de relações de saber e poder, como retrata Foucault (1988, por exemplo) em suas obras.

num evento, tornando-o novo (*tema*). Não há, assim, uma polarização: um novo não é novidade exclusiva, surgimento escandalizante proporcionado por uma inauguração, assim como não há uma não novidade, pois a atualização do tema instaura um novo cenário discursivo, este sim singular, irrepitível. Corre paralelamente, nesta dialética, uma perspectiva dialógica, num jogo de estabilizações provisórias exercido por um constante trabalho sociocognitivo.

Bakhtin (BAJTÍN, 1975 apud BUBNOVA, 2011) nos coloca que:

toda palavra (enunciado) concreta encontra o objeto que é dirigido ao falado [...], discutindo, avaliando, envolto em uma neblina que lhe faz sombra ou, ao contrário, na luz das palavras alheias já ditas sobre ele. Encontra-se enredado e penetrado por ideias comuns, ponto de vista, avaliações alheias, acentos. A palavra orientada ao seu objeto entra neste meio dialogicamente agitado e tenso das palavras, valorações e acentos alheios, se entrelaça com suas complexas inter-relações, funde-se com umas, repele outras, entrecruza-se com terceiras (p. 89-90).

Este jogo exposto no excerto sobre o encoberto – “neblina” – e o exposto – “luz” – põe em questão o trabalho dialógico da busca da estabilização dos sentidos. Sendo o signo ideológico, a trama discursiva é puro caos, devir, polifônico. Interpretar, neste sentido, é estabilizar provisoriamente uma possibilidade. Enunciar é estabilizar expressivamente valores. Desta forma, podemos investigar pontos de referência e certos valores que os sujeitos expressam por meio das vozes que nos chegam. Ampliando isto, toda interpretação é única, pois carrega um amálgama

de valores singulares, com entonações peculiares.

Toda essa trama de dizeres que constituem os sujeitos liga-se a que o círculo de Bakhtin denomina dialogismo. Como já colocamos, estamos lendo que a constituição dialógica opera como cerne da constituição do sujeito, inclusive do conhecimento no campo das Ciências Humanas. Sendo assim, não há um único ser humano cuja condição de humanidade não advenha da sua interlocução com os demais, posto que sua existência é dotada de significados anteriormente predicados e marcada pelo modo como um se posicionará na continuidade a essa interlocução.

Para Bakhtin, é na relação com a alteridade que os sujeitos se constituem, tornam-se sujeitos. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E esse processo não surge de sua própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos. Constituímo-nos e nos transformamos sempre através do outro. É este fator que move o plano da língua. “No ato de compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento” (BAKHTIN, 2003, p. 378).

É no contato inescapável com o ‘outro’ que vamos nos constituindo como sujeitos. Ao mesmo passo, é pelo ‘outro’ que vamos dando acabamentos a nós diante do que o outro nos dá, diante do tempo e do espaço que nos contornam. Mesmo assim, como vivemos em sociedade, com outros, o acabamento, delimitação possível de uma expressividade dos sujeitos, é provisório até um encontro com outra alteridade. Por exemplo, a todo o momento possível de retorno a este meu artigo, eu tento dar novos contornos “finais”. O final é uma marcação provisória dada pela data final de entrega deste, ou até mesmo pelo número de páginas pedido. Mesmo assim, eu posso ler este escrito e dar contornos diferentes a cada leitura.

É nesta movimentação das relações de produção de sentidos que as identidades se sustentam. O espaço da contrapalavra, do dizer sobre o dizer, é pressuposto central desta rede, pois é nele que há o confronto regulador do *vir a ser*, isto é, é o espaço de possibilidade de respostas que um dizer/uma expressão gera a um interlocutor.

Os enunciados, instância formada nas/pelas expressividades, conferem às palavras relações que despertam ressonâncias ideológicas:

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN, 1992, p. 132).

Sobre a resignificação da língua, expõe-nos Bakhtin (2003):

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como palavra revela os seus significados somente no contexto). Um sentido atual não pertence a um (só) sentido, mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e contataram. Não pode haver «sentido em si» ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele. Não pode haver um sentido único, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por

isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer (p. 382).

Como a língua é histórica, nela estão guardados olhares do mundo (ideologias: concepções e práticas). Nos diferentes agrupamentos humanos do mundo inteiro, a palavra sempre foi uma transmissora de valores dos sujeitos, tanto subjetivamente como para com a sociedade que os cercam. É por meio dela que os sujeitos configuram atos de nomeação do mundo, quantificando e qualificando os acontecimentos. Os sujeitos estabilizam e desestabilizam conceitos. Deste modo, o repertório de palavras formado nas línguas naturais – o léxico – expõe os ideais de distintas comunidades no passar dos tempos, questão esta que nos mostra que estudar o léxico nos direciona também para os estudos culturais, analisando possibilidades de um determinado dizer, num determinado local, com determinados sujeitos, com possibilidades intencionais. A transfiguração das experiências do universo do discurso é realizada nas palavras e, como consequência, nos leva a análises em diferentes dimensões assumidas por um/num discurso. Assim, o léxico pode ser entendido, então, como um registro, um recorte de modos de organização dos dados das experiências, que estão em constante modificação, entre os sujeitos e suas relações com os meios.

Entendendo que “a grande contribuição da abordagem polifônica em Ciências Humanas consiste em tornar problemática toda ilusão de transparência de um texto de pesquisa” (AMORIM, 2002, p.11), sendo este texto um recorte de um “objeto” no qual se analisa ou mesmo análises de análise (*ad infinitum*), o que estamos problematizando, neste momento, diz respeito ao fazer ciência, assunto reflexivo neste artigo. Estão os campos imunes a um “destruimento” de si? Entender que as “caixinhas” do saber e as nomenclaturas designativas de campos de estudos fazem também parte da contínua construção das coisas no mundo, num constante inacabamento,



onde a provisoriedade dá contornos, faz parte de uma filosofia da ciência que tem por base o dialogismo em sua dialética. Palavra instabiliza palavra. Como coloca Amorim (2002), “há sempre uma espessura e uma instabilidade que se devem levar em conta e que remetem à própria espessura e instabilidade do objeto e do saber que estão se tecendo no texto. Objeto que não para nunca de se mexer, a cada vez que dele se fala, assim como um caleidoscópio”.

Até agora promovemos uma reflexão de base discursiva que centralizou discussões sobre os jogos entre estabilidade e instabilidade das cenas enunciativas. O que são estas cenas, por exemplo? Quando um professor diz ou quando alguém diz, diz de algum lugar social. Um dizer nunca possui álibi para sua existência. Não é possível, nesta perspectiva, analisar um enunciado sendo este “neutro” de ideologias. A ideologia é uma forma de compreensão das realidades possíveis. É como se houvesse uma lente orgânica que direciona os contatos compreensivos entre o ser consigo e com o outro (alteridade). Quando temos a pergunta “Por que um professor de Ciências necessita, também, de formação filosófica?”, podemos fazer diálogos com uma memória do passado construída e reforçada por ideologias em circulação nas sociedades. O papel do analista do discurso é tecer fios que remontam tramas discursivas que relacionam sujeito, tempo e espaço entre si, analisando como rastros históricos refletem e refratam atos dos sujeitos nos processos de lutas ideológicas.

Se há uma pergunta central para a área dos estudos em HFS das ciências sobre a importância de reflexões históricas, filosóficas e sociológicas infere-se que há uma luta ideológica sobre a presença destes estudos nas Ciências Naturais e que, também, no debate paradigmático científico existem perspectivas conflitantes sobre o assunto. Que estamos entendendo por ‘ciência’? E ‘ciências’? É necessário discutir a importância de HFS na construção científica, e que não as elencar

num quadro de status de ciência coloca-nos frente a uma cena que recupera, num jogo discursivo, vozes de legitimação de lugares de dizer. Sensibilizar esta noção instabiliza provisoriamente nossas interpretações, fazendo com que possamos dar respostas frente a este diálogo, possibilitando estabilizações, também provisórias, que abrem espaços a ressignificações.

No desenvolver dos trabalhos científicos, a ciência, prática social para o entendimento de mecanismos de organização e funcionamento do mundo em geral, toma concepções epistemológicas diversas. Destaquemos o período do século XV ao XVIII, época em que se estabelece um fazer científico racionalista, conhecido como movimento da Ciência moderna. A centralidade nos estudos de natureza física, em que o domínio desta se daria por meio de uma tradição racionalista, desenvolve uma epistemologia científica que ganhará domínio cultural-discursivo sobre os sujeitos, sobre as sociedades. Cabe ressaltar que a colocação do homem como objeto de estudo científico plausível de discussões psicossociais é um foco engendrado somente no século XIX. Até este ponto, cabia à Filosofia tudo quanto se referia ao humano.

Pelo motivo de “surgirem” após as ciências matemáticas e naturais, as humanidades, como campo(s) científico(s), tenderam – forçosamente – a “imitar” e copiar o paradigma estrutural-metodológico que aquelas ciências haviam postulado, estudando o homem como objeto natural – no sentido de natureza –, matematizado. Dessa maneira, “para ganhar respeitabilidade científica, as disciplinas conhecidas como ciências humanas procuraram estudar seu objeto empregando conceitos, métodos e técnicas propostos pelas ciências da natureza” (CHAUI, 2010, p. 312).

Nesta interpretação, uma das necessidades possíveis do trabalho em ciências da natureza em explicitar o uso de HFS é analisar se os “cientistas” ainda estão fazendo uma certa “ciência”. Cabe ao pesquisador explicitar suas considerações sobre históricos de um campo de estudo, a fim de sensibilizar na cena enunciativa uma trama historicamente marcada. Está marcada, assim, a exposição de um diálogo com sujeitos passados e ideologias em circulação. Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes em seu artigo “Dialogismo e Alteridade no Discurso Científico” (2009, p. 7) traça-nos um excerto de importância atenção relacionado a um desdobramento desta discussão. Acompanhemos:

Enquanto participantes da comunidade acadêmica, por exemplo, vivenciamos o dialogismo do discurso científico em nosso cotidiano. Estamos sempre em situações de interação verbal com nossos pares, com os diversos teóricos, nos momentos de estudos, na prática da pesquisa científica e na construção do conhecimento. Como destaca Bakhtin (2000), os enunciados produzidos em cada época e em cada círculo social, estão investidos de autoridade que servem de base para a criação de novos enunciados e de novos textos. Assim, no discurso científico, os pesquisadores ao citarem teorias e teóricos, dialogam com outros. Uma citação oferece muito mais que um nome e uma data (Paul, 2000): é uma prática que representa trocas de relações e traz uma carga de reputação do autor e periódico citados, bem como carrega as interpretações dos cientistas citantes. As comunidades científicas são essencialmente dialógicas – não existiriam sem o outro.

A necessidade de formação filosófica para a área de ciências (as *da natureza*) ultrapassa

a ideia de profissionalidade educacional. Esta pergunta feita pode nos gerar um estranhamento: será que a ideia de profissional em Exatas e/ou Biológicas não tem a ver com práticas filosóficas? Esta questão tem por trás um valor ideológico pressuposto da separabilidade das áreas. Porém, ao remontarmos vozes historicamente marcadas, podemos traçar que ‘filosofia’ e ‘ciência’ se imbricam. Um exemplo desta inter-relação diz respeito aos olhares filosóficos do fazer científico: dependendo do modo epistemológico de compreensão que um professor ou pesquisador na área de Ciências da natureza possui, ele conduzirá a expressividade de suas perguntas e respostas a determinados caminhos. Desta forma, o modo como olhamos o mundo (visão filosófica) bem como a reflexão deste é de importante valia para a produção de saberes nas diversas áreas.

Nossas palavras estão imbricadas com a palavra do outro. A produção do conhecimento científico ocorre, de certo, na rede de relações sociais. Portanto, é necessário marcar que, vistos estes entornos, o plano da construção dos discursos científicos é embasado em encontros e confrontos de discursos, autores, leitores, textos, teorias. Formamos, assim, um tecido de vozes, marcado integralmente pelas relações dialógicas e pela alteridade.

Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro. (...) A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra. A palavra do outro deve transformar-se em palavra minha-alheia (ou alheia-minha). Distância (exotopia) e respeito. O objeto se transforma em sujeito (em outro eu) (BAKHTIN, 2000, p. 385, 386).

Focalizar os nossos trabalhos a partir do processo interativo exige instaurar um deslocamento de, um lado, a linguagem vista como repertório,

tradução de pensamentos prévios, ponto estável, acabado para a linguagem vista no confronto entre o ‘dado’ e ‘novo’, o repetível e o singular. É preciso fazer emergir espaços em nós que sustentem/ inspirem a disponibilidade estrutural para a mudança, admitindo-se, portanto, a historicidade da linguagem, a constituição contínua dos sujeitos e o espaço das interlocuções discursivas.

Desta forma, refletir os processos de expressividade humana (os “jogos de linguagem”) faz profunda diferença no quesito do fazer científico, pois desdobra a interatividade entre instâncias autor-texto-leitor, articulando vozes, tramando redes discursivas, expondo um horizonte ressignificado pela história de um *eu* na relação ética com seus *outros*.

Em relação ao entendimento sobre as áreas fazer científico, do ponto de vista dialógico, sejam as ciências humanas, exatas e ou da natureza, elas têm uma dinâmica de transformação paralela aos fenômenos socioculturais da história humana. Há um jogo dialógico no “interior” dos campos científicos (especificidades) e também no contorno destas, o “exterior”, postos em diálogo pelas mediações dos sujeitos, estes embebidos de culturas, potencializados pelo *vir a ser*.

O dialogismo é característica presente nos textos (que são expressividades) e estes são produtos das interações. Assim, o texto é espaço da construção dos sentidos, que é social e histórico. A posição científica que tende a assumir este mecanismo de construção de textos, conceitos, teorias, metodologias e outras formas de construção teórica traz para o debate ideias a abertura da multiplicidade de olhares. Disto, podemos inferir que há uma marca sobre a compreensão de posicionamentos teóricos distintos e, por que não, também importantes na constituição de outro posicionamento, mesmo que para negá-lo. É uma compreensão ética, respeitosa, convidativa a reflexões e também não

fechada para interlocuções.

Podemos falar da natureza sem, ao mesmo tempo, falarmos sobre nós mesmos? A natureza não se escreve sozinha, mas só é percebida por meio dos sujeitos que a observam. Ou podemos acreditar numa natureza que independe do sujeito observador? As ciências da natureza descrevem e analisam os fenômenos de acordo com olhares de teorias e de sujeitos. Ao falarmos da natureza física, ela se torna objeto de uma consciência cognoscente. Mesmo que se entendemos que os “fatos” naturais estiveram presentes antes mesmo de uma consciência, estamos marcando que existe uma historicidade que os remonta. Por conta desta historicidade, também podemos entender sobre transformações, mudanças e, por fim, singularidades.

Para quem se coloca a assumir uma posição dialógica, que inclui não definir de antemão os pontos de chegada, bem como não antecipar os limites do objeto posto em cena, o trabalho com a linguagem é um produto da vida social, a qual não é fixa e nem petrificada. O entrelugar nos paradigmas e nos campos científicos, por exemplo, vem de embates sócio-históricos. O estar no mundo é ideológico. O fazer ciência é ideológico. Estamos acostumados a este jogo do devir?

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, julho/ 2002.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV V. N. *Marxismo de filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992 [1929].
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAJTÍN. M. M. *Problemas literarios y estéticos* [en



ruso]. Moscú: Judozhestvenaia Literatura, 1975.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. In: *Bakhtiniana*, São Paulo, 6 (1): 268-280, Ago./Dez. 2011. Versão para o português: Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli.

CHAUI, Marilena. *Iniciação à filosofia*. São Paulo: Ática, 2010.

CORTES, Gerenice Ribeiro de Oliveira. Dialogismo e Alteridade no Discurso Científico. In: *Eutomia* – Ano II, Nº 2 – Dezembro de 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.